

NAS ENTRELINHAS DA TRADIÇÃO: OS INSTRUMENTOS *DE OCASIÃO* DA LAPA DO BOQUETE (MINAS GERAIS – BRASIL)

Emílio Fogaça¹

Divaldo Rocha Sampaio²

Luiz Alberto Molina³

RESUMO

Apresentamos neste trabalho uma indústria lítica pré-cerâmica recuperada no Abrigo do Boquete (Minas Gerais – Brasil). Ela se caracteriza por utilizar detritos de lascamento de artefatos mais elaborados como “matéria prima” de novos instrumentos, modificados apenas por retoques marginais. Trata-se de uma indústria atípica que denominamos *De Ocasão*, posto que parece responder a necessidades circunstanciais dos caçadores-coletores que ocuparam o sítio. A análise apresentada procura identificar padrões tecno-morfológicos de transformação desses artefatos e relacioná-los com os instrumentos típicos descritos noutras publicações.

ABSTRACT

This article present a lithic pre-ceramic industry recovered in the Boquete Rockshelter (Minas Gerais – Brazil). It is characterized by using flintworking waste of more elaborated (typical) tools as “raw material” for new instruments, just modified by marginal retouchings. It is an atypical industry, denominated De Ocasão that seems to answer to incidental needs of the hunter-gatherer that occupied the site. This analysis tries to identify techno-morphologic patterns of transformation of those tools and to relate them with the typical industry described previously in other articles.

¹ Setor de Arqueologia – Museu de História Natural/UFMG.
Departamento de Sociologia e Antropologia – FAFICH/UFMG.

² Curso de História, Departamento de História – FAFICH/UFMG.

³ Curso de Geologia – IGC/UFMG.

Endereço para correspondência

Setor de Arqueologia
Museu de História Natural/UFMG
Caixa Postal 1275
Belo Horizonte – Minas Gerais
CEP: 30083-010
e-mail: efmcs@dedalus.lcc.ufmg.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma nova categoria de artefatos definida durante o estudo das indústrias pré-cerâmicas recuperadas no Abrigo do Boquete (vale do Rio Peruaçu – Minas Gerais).

Urge de imediato frisar que o termo *de ocasião* – escolhido para adjetivar essas coleções – em quase nada remete aos conceitos, ainda em voga, de “instrumentos expeditos” (*expeditive tools*), definidos por L. Binford (1979, 1980), lá se vão duas décadas.

Conforme Binford, *expeditive tools* seriam artefatos resultantes de baixo investimento técnico, implicando em pouca transformação dos suportes utilizados e relativa variabilidade morfológica, apesar do mesmo objetivo funcional; na literatura etnoarqueológica, essas características estariam diretamente ligadas a atividades específicas desenvolvidas em locais distintos: nos acampamentos, *loci* não especializados (onde se faria de tudo um pouco), os artefatos seriam expeditos; em acampamentos especializados – locais ocupados para tarefas específicas – os vestígios seriam distintos, compostos por artefatos padronizados e investidos tecnologicamente: instrumentos “acurados” [*curated*]).

Trata-se de um esquema acentuadamente parcial: reduz os fatores explicativos da variabilidade das indústrias aos agentes atuantes **nas últimas etapas das cadeias operatórias** (utilização e descarte dos objetos).

Na perspectiva de uma análise realmente antropo-tecnológica, não satisfaz o conjunto dos fenômenos que concretamente estudamos, pois revela um (falso) modelo sistêmico que esconde, na verdade, uma relação linear de causa e efeito.

Por nossa parte, para caracterizar e entender a variabilidade técnica, queremos também tomar em consideração aqueles agentes¹ que atuam **no interior** das cadeias operatórias, orientando-as e adaptando soluções face a contingências imprevistas – além da rotina oscilante entre “informalidade x especialização” que derivaria mecanicamente da variabilidade funcional dos acampamentos.

INSTRUMENTOS TÍPICOS x INSTRUMENTOS DE OCASIÃO: DEFINIÇÕES

Propomos uma primeira distinção básica que contrapõe **Instrumentos Típicos e Instrumentos de Ocasião**. Instrumentos Típicos são aqueles que remetem a uma literatura preexistente segundo a qual tais instrumentos seriam “fósseis-guia” do período e da região em estudo (o Holoceno inicial no Planalto Central)². São também artefatos que “se encaixam” comodamente aos tipos preestabelecidos (lesma, raspadeira, raspador, plano-convexo etc). Em contraste, definimos como Instrumentos *de Ocasião* os objetos (recuperados nas camadas VIII a IV da Lapa do Boquete)³ que reúnem as seguintes características:

¹ Características físicas das rochas em relação às técnicas possíveis, a economia do lascamento, a adequação dos suportes às intenções, as técnicas e estilos dos retoques etc.

² O leitor encontrará descrições e análises desses objetos, bem como informações gerais sobre as indústrias pré-cerâmicas do Abrigo do Boquete em: Prous *et alii* (1992), Fogaça (1992 e 1995) e Ribeiro *et alii* (1997).

³ As camadas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete atestam a ocupação humana ao longo de mais de 5000 anos. Sobre a localização do sítio e informações sobre escavação, ver Prous (1992) e Prous & Fogaça (1999).

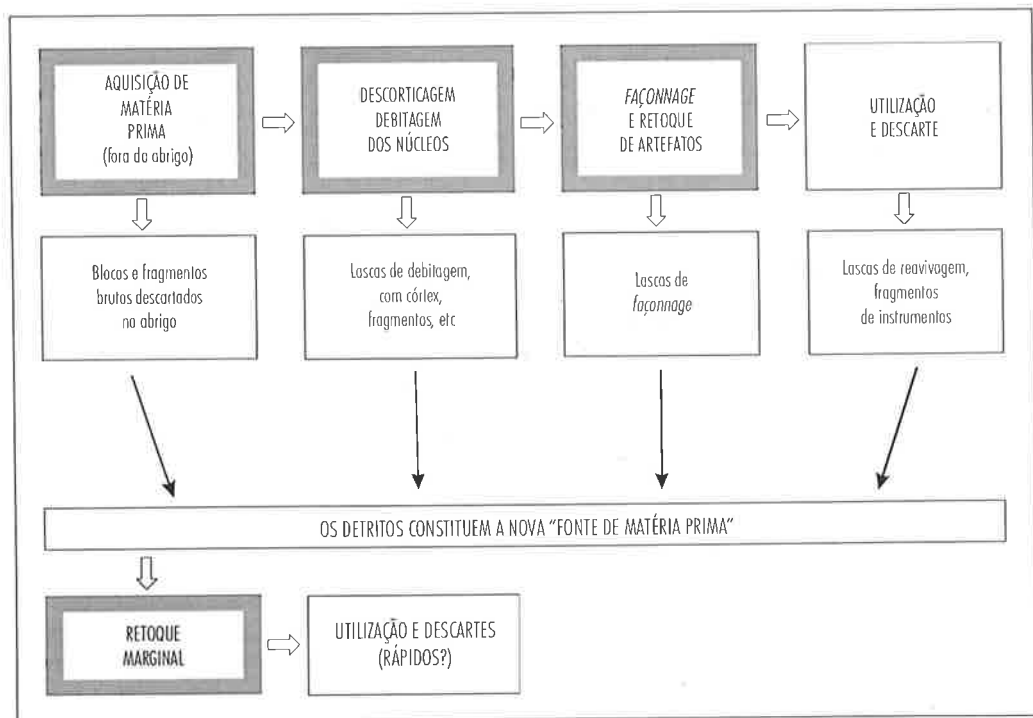
- são confeccionados sobre suportes de dimensões e volumes bastante variáveis e que não provêm regularmente de etapas preferenciais das cadeias operatórias já conhecidas; as características tecnológicas são, portanto, bastante variáveis;
- os suportes são escolhidos **aleatoriamente**, sem que haja previsão desde a debitage dos núcleos ou durante a confecção dos instrumentos típicos;
- esses suportes sofrem somente transformações marginais resultantes de sequências de retoques; **os retoques são os únicos indicativos da intenção de fabricar utensílios**;
- essas sequências de retoques nunca visam a obtenção da simetria da peça nem tam-

pouco uma nítida diferenciação entre área de apreensão e parte ativa.

A tais características tecnológicas, somam-se as formas absolutamente atípicas e, na maioria, aleatórias. Isto é consequência da recuperação de grande percentual de lascas fragmentadas e fragmentos de lasca para a confecção dessas peças. Diante desses objetos, pode-se imaginar que – na iminência de realizar alguma tarefa imprevista – aqueles homens improvisariam artefatos, aproveitando-se dos detritos de lascamento ao alcance da mão. Haveria, assim, uma sorte de **reciclagem de lixo**, que ilustramos no esquema da Figura 1.

Os instrumentos de ocasião resultariam de uma cadeia operatória “parasita”, que faz

Figura 1 — Esquema das Cadeias Operatórias dos Instrumentos Típicos e *De Ocasão*. Os Campos Emoldurados em Cor Cinza Indicam os Momentos que Implicam em Padrões Gestuais. As Molduras de Quinas Arredondadas Destacam os Detritos Produzidos nas Diversas Fases.



com que os detritos adquiram outro **significado** no conjunto das indústrias: tornam-se uma nova “fonte de matéria prima”⁴.

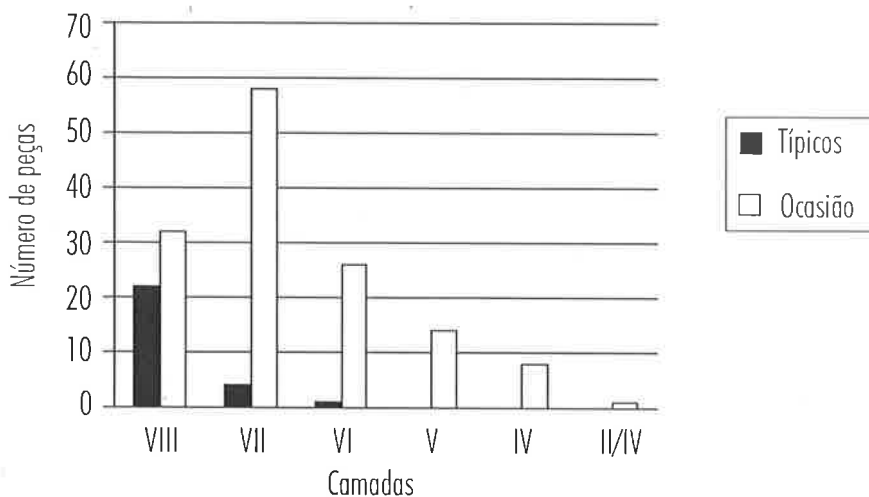
FORMAÇÃO DAS COLEÇÕES (A Força do Hábito...)

Durante as escavações, os instrumentos **típicos** foram sempre percebidos *in situ*. Eram mapeados e etiquetados como “instrumentos retocados” e, por vezes, acondicionados separadamente. Seja porque remetem-nos a tipos definidos (cuja presença no solo de ocupação investigado é sempre esperada), seja porque suas dimensões chamam rapidamente nossa atenção, o fato é que esses objetos, durante muito tempo, acabaram por constituir a totalidade dos utensílios retocados reconhecidos.

Já os instrumentos *de ocasião*, pelas suas características variáveis, pequenas dimensões, portadores de atributos sutis, não foram quase nunca identificados durante as escavações. Justamente porque foram confeccionados a partir de detritos (que constituem a imensa maioria das peças líticas recuperadas) confundiram-se com esses, passando despercebidos em campo.

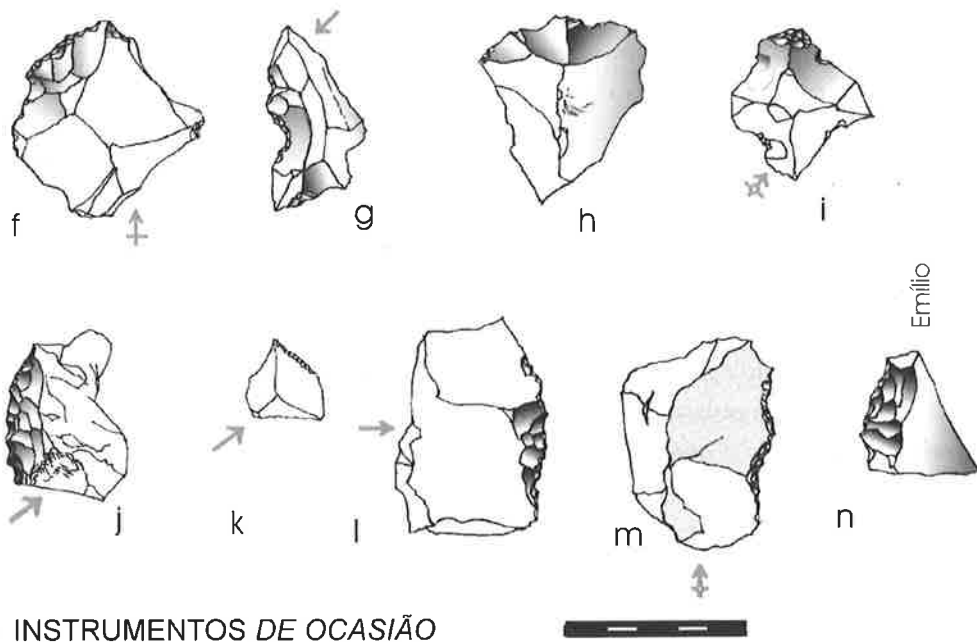
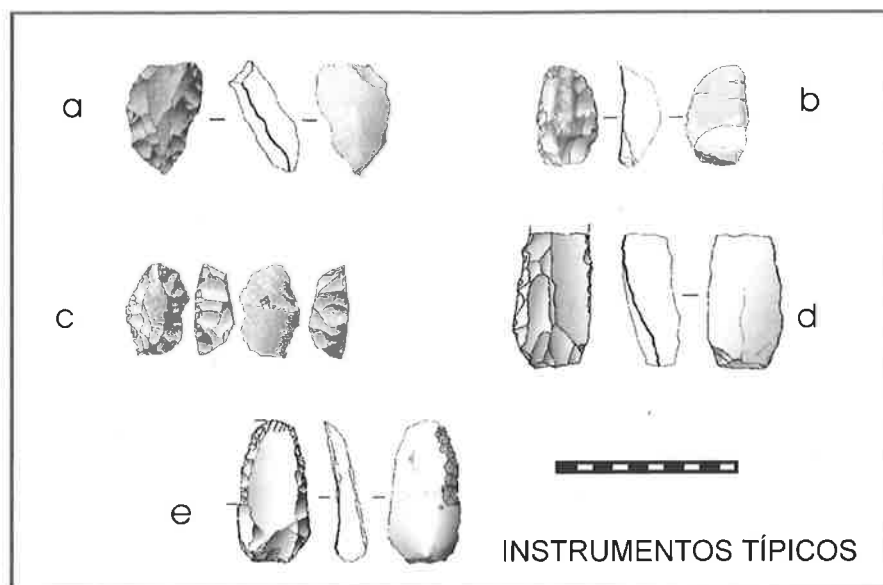
Só começamos a notar a existência de tais peças quando fomos, por motivos diversos, analisar detalhadamente os detritos de lascamento. Algumas vezes, somente foram reconhecidos após a limpeza do sedimento impregnado nas peças, o que permitiu a visualização de retoques sub-milimétricos. Foi possível, assim, reunir uma coleção formada por 139 instrumentos *de ocasião*, enquanto que os típicos somam apenas 27 objetos (Figuras 2 e 3). Tanto a predomi-

Figura 2 – Instrumentos Típicos e de Ocasião: quantidade de peças por camadas.



⁴ Que o leitor, forro de grillhões vernaculares, entenda (obsequiosamente) a metáfora proposta: a imagem de “nova fonte de matéria prima” procura caracterizar a etapa inicial de uma nova cadeia operatória (uma nova estratégia de aquisição de matéria a ser transformada), sendo então secundário o fato de tratar-se ou não da rocha bruta ou de rocha anteriormente debitada. Houve certamente uma reapropriação do lixo, que justifica a idéia de “nova fonte” para produção de objetos independentes das formas típicas – o que sustenta a utilização do termo “matéria-prima”.

Figura 3 – a, b, c, d, e: Exemplos de Instrumentos Típicos; f, g, h, i, j, k, l, m, n: Exemplos de Instrumentos *de Ocasião*.



Emílio

nância numérica quanto **sua presença nas camadas que não contêm peças típicas**, vêm revelar um dos aspectos da importância dos instrumentos *de ocasião* enquanto manifestação de soluções técnicas **recorrentemente** adotadas no sítio.

Se, por um lado, a identificação das **normas culturais** que orientariam a elaboração de artefatos típicos (cuja análise sustentaria a produção de listas tipológicas, a identificação de fósseis-guia etc) depende de uma coleção quantitativamente pouco expressiva (1 instrumento para cada 200 anos de ocupações pré-cerâmicas!), por outro lado, o **comportamento modal** surge como algo assaz distinto: o **improviso circunstancial**.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

A identificação tecnológica dos suportes aproveitados baseou-se no reconhecimento dos atributos já identificados nessas indústrias: características de ambas as faces, do talão, presença ou não de córtex, características dos perfis e a tomada de medidas modulares (comprimento, largura e espessura).

A descrição dos atributos tecnológicos das peças considerou as informações relacionadas a: (1) **contexto de recuperação no sítio** (camada, quadrícula, etiqueta correspondente); (2) **a origem tecnológica do suporte utilizado** (descorticação de núcleo, debitagem, “*façonnage*”, suporte bruto); o

estado de conservação do suporte (lasca intacta, fragmento de lasca, lasca fragmentada⁵) procurando, nesses casos, distinguir se o objeto havia sido retocado antes ou após a fragmentação do suporte e, por fim, a descrição dos atributos específicos relacionados aos gestos técnicos aplicados para a **realização dos retoques**. Tal descrição é baseada em Tixier & alii (1980), do qual retivemos as seguintes variáveis:

- **posição**: em quais faces estão situados os retoques;
- **localização**: em que parte da face da peça estão situados os retoques (proximal, mesial, distal, direito, borda direita ou esquerda e as combinações possíveis);
- **repartição**: a extensão da borda do gume coberto pelos retoques, total ou parcial com sequências de negativos contínuos ou descontínuos;
- **delineamento**: a forma que o gume adquire devido aos retoques (retilíneo, côncavo, convexo, *coche*, pontiagudo e as combinações possíveis);
- **extensão**⁶: comprimento dos negativos de retoque em relação à face da peça (retoques longos [$\geq 4\text{mm}$], curtos [$1\text{mm} < r > 3\text{mm}$] e sub-milimétricos [$\leq 1\text{mm}$]⁷);
- **morfologia**: forma que os retoques adquirem em virtude da relação entre os negativos: paralelos, subparalelos, escamosos, escalariformes.

⁵ Por “lasca fragmentada” entende-se o suporte que ainda permite uma orientação precisa e uma reconstituição segura da morfologia original, enquanto que “o fragmento de lasca” conserva apenas atributos mínimos necessários para a identificação de um objeto lascado.

⁶ As classes estabelecidas se justificam apenas **no contexto das indústrias do Boquete**. Os retoques longos, por exemplo, são aqui os maiores observados nas coleções recuperadas.

Foram descartadas do estudo algumas poucas peças que apresentavam retoques sub-milimétricos duvidosos, sem negativos típicos, que poderiam, assim, resultar de ação mecânica pós-deposicional.

Foram também distinguidas, quando a análise diacrônica o permitia, as peças retocadas **antes** e **após** a ação térmica (sendo estas últimas minoritárias na coleção). Neste momento da análise, consideramos a possibilidade de ocorrência de retoques espontâneos, que se formariam com maior facilidade graças à tal sorte de “tratamento térmico natural”.

Há casos em que os suportes receberam mais de uma série de retoques (sugerindo uma utilização múltipla ou seu reaproveitamento). Os retoques de tais peças são descritos sequencialmente, segundo a orientação padrão de análise estabelecida⁸ e no sentido horário de leitura.

Os dados obtidos foram armazenados em banco de dados e planilha eletrônica⁹ com os quais realizamos as análises estatísticas e geramos os gráficos aqui apresentados.

No presente, as principais questões que guiam a análise desses dados são:

- O tratamento dos dados copilados confirma as impressões visuais, segundo as quais não há uma preferência padronizada de suportes? Os suportes em maior quantidade estão associados a determinadas características de gumes (delineamento) e retoques (extensão e morfologia)?
- Como foram transformados esses suportes? Os instrumentos de ocasião implica-

riam, por definição, em gumes acentuadamente distintos dos gumes dos artefatos típicos?

- Há gestos padronizados de retoque – similares àqueles que encontramos nos instrumentos típicos – relacionados a tipos de gume predominantes?¹⁰

Neste artigo, não trataremos das características próprias a cada camada arqueológica. O problema da variabilidade dessa indústria não pode ser separado da análise da estruturação do espaço no interior do abrigo em diferentes momentos da ocupação humana. Isso será, portanto, tratado noutra oportunidade.

OS SUPORTES APROVEITADOS

Na sua grande maioria, os suportes aproveitados para a confecção dos instrumentos de ocasião provêm dos **detritos de lascamento**. Tratam-se de fragmentos de lascas, lascas e lascas fragmentadas. Curiosamente, os fragmentos de lasca e as lascas fragmentadas (86% dos suportes aproveitados) são bem mais numerosos que as lascas intactas (12 %), talvez por oferecerem um dorso liso, decorrente da fratura, apto à apreensão imediata¹¹ do instrumento. Houve também uma aparente rejeição das partes proximais fraturadas, em geral

⁸ As peças foram orientadas segundo seu eixo morfológico, buscando-se um eixo de simetria vertical com parte proximal para baixo e, nos casos ambíguos, estabelecendo-se como maior dimensão o comprimento.

⁹ Utilizados os programas Acces e Excel, versões 7.0.

¹⁰ Cabe lembrar que, em geral, os tipos de gume (atributo “delineamento”) podem resultar tanto da primeira confecção do artefato, quanto de seu reaproveitamento, de tal forma que um gume inicialmente convexo pode ser reavivado e tornar-se retilíneo ou côncavo, sem que sejam preservados atributos da forma inicial.

¹¹ Propomos aqui a distinção entre “apreensão imediata”, quando o instrumento é seguro pela mão, e “apreensão mediata”, quando utiliza-se alguma forma de encabamento.

mais espessas. Os suportes **brutos** são raros na coleção: apenas três peças, nas camadas VIII e VII, foram confeccionadas a partir de suportes brutos: dois seixos e uma plaqueta de calcário (como tantas que se despreendem das paredes do abrigo).

Os suportes indefinidos são majoritariamente peças alteradas pelo fogo, o que tornou sua leitura impossível. Como não possuem córtex – o que permitiria identificar mais algum suporte bruto –, eles deveriam, em boas condições de preservação, somar-se às categorias de detritos de lascamento.

Esses suportes são sempre delgados, de pequenas dimensões (Figura 3 e 4). A relação entre comprimento e largura das peças revela objetos mais longos que largos (sendo que os retoques situam-se preferencialmente nas bordas maiores). Observe-se a concentração das dimensões dos instrumentos entre 20mm e 60mm (comprimento) e entre 20mm e 40mm (largura), sendo que a maioria dos valores extremos

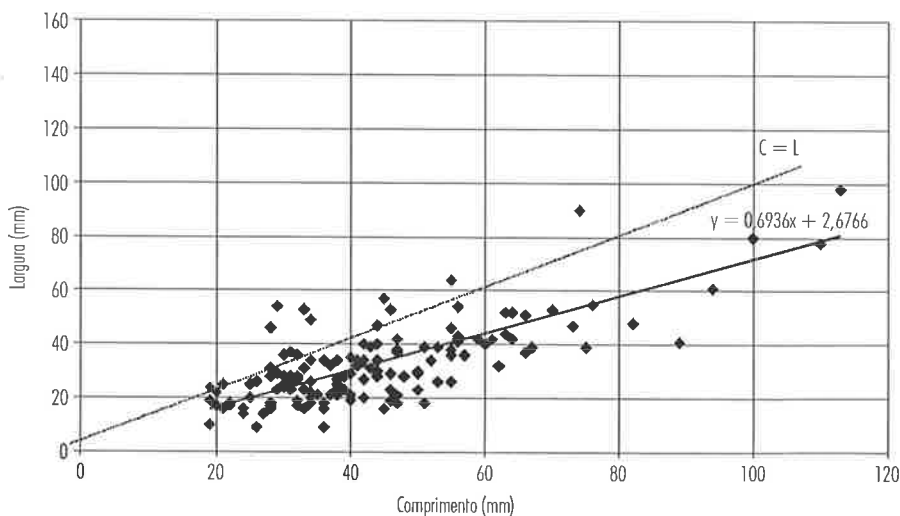
tendem às mesmas proporções. Essa configuração morfo-métrica contribui de imediato para situar os suportes utilizados no interior das cadeias operatórias já conhecidas no sítio. Encontramos aqui peças de ocasião que seguramente não foram preferencialmente confeccionadas nem a partir das pequenas lascas de retoque conhecidas (que são, também, menos espessas), nem a partir das grandes lascas utilizadas para a fabricação dos instrumentos típicos, sequer foram aproveitados grandes fragmentos destes últimos.

A seguir, descreveremos as características tecnológicas dos suportes lascados predominantes na coleção.

ORIGEM DOS SUPORTES APROVEITADOS

São três as principais categorias identificadas: lascas de descorticação – 13 peças –; lascas de debitagem – 53 peças – e

Figura 4 – Todas as Camadas > C x L.

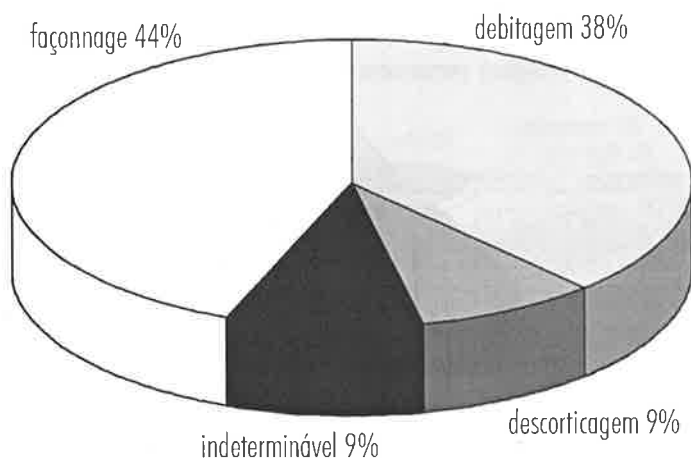


lascas de *façonnage*¹² – 61 peças –, correspondendo, assim, aos detritos relacionados à exploração de pequenos núcleos e das primeiras etapas de confecção de instrumentos típicos. A proporção relativa de cada categoria aproveitada para a confecção dos instrumentos *de ocasião* (Figura 5) reflete com fidelidade a distribuição dos detritos no conjunto das indústrias pré-cerâmicas: os tipos de lascas mais abundantes nos solos de ocupação foram os mais aproveitados, conforme uma relação probabilística que caracteriza também as indústrias de ocasião como **amostras estratifi-**

cadadas dos detritos das cadeias operatórias em geral.

Nossa análise da transformação dos suportes se concentrará nas peças quantitativamente predominantes na coleção. Trata-se daquelas que apresentam **uma única sequência de retoques**¹³, sendo variável a localização desta (direita, esquerda, distal, mesial etc). A distribuição segundo a origem tecnológica dos suportes – **similar à distribuição geral** – é apresentada na Figura 6. Considerando tal similaridade, retemos como hipótese inicial a idéia de que os artefatos mais simples,

Figura 5 – Origem Tecnológica dos Suportes (Todas as camadas).



¹² *Façonnage*, segundo Inizan *et alii* (1995: 146): “Le façonnage est une opération de taille qui a pour finalité la fabrication d’un objet, et un seul, en sculptant la masse de matière première choisie, selon une forme désirée. (...) Cette opération comporte en général une phase d’ébauchage, puis de finition, et peut faire appel à plusieurs techniques. Elle se différencie du débitage en ce que sa finalité n’est pas d’obtenir des supports – bien que très souvent elle produise de nombreux éclats – mais de transformer un support, quel que soit son origine, en outil.” Essas categorias tecnológicas – reconhecidas na Lapa do Boquete – encontram-se descritas em Fogaça (1995) e Ribeiro *et alii* (1996).

¹³ As quantidades são: 1 sequência: 89 peças (64%); 2 sequências: 42 peças (30 %); 3 sequências : 8 peças (6%).

Figura 6 – Peças com 1 sequência de Retoques: origem tecnológica dos suportes.

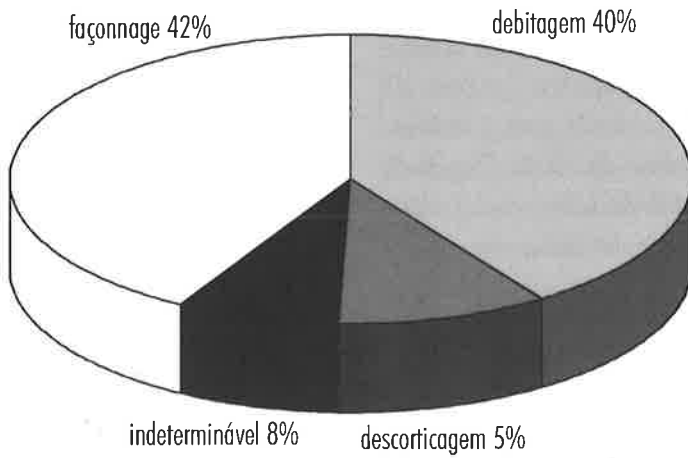
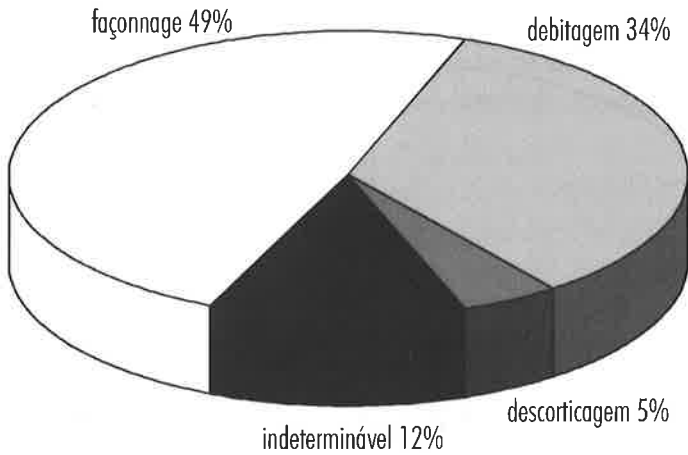


Figura 7 – Peças com 2 sequência de Retoques: origem tecnológica dos suportes.



não multifuncionais nem reaproveitados, não tiveram suportes preferenciais, e obedecem uma seleção aleatória, de probabilidade esperada¹⁴.

A TRANSFORMAÇÃO DOS SUPORTES

Consideramos como **transformação dos suportes** determinadas sequências de

¹⁴ No entanto, a distribuição dos suportes das peças com 2 sequências de retoques (Figura 7) já apresenta uma configuração anômala, sugerindo uma maior **preferência** pelas lascas de *façonnage*.

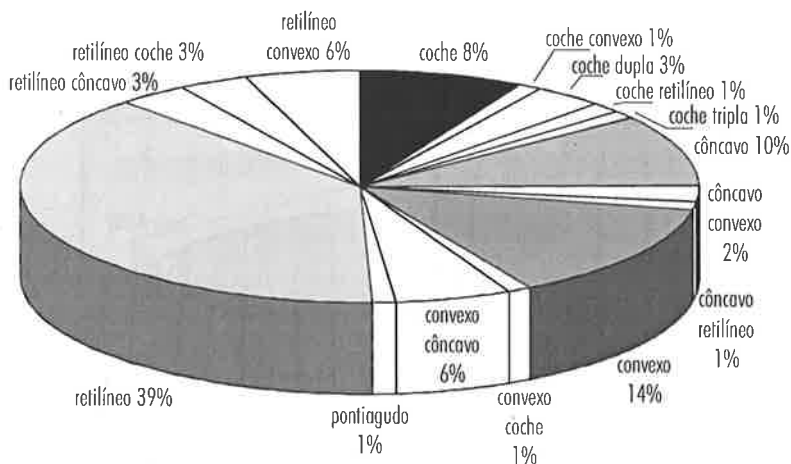
gestos que aplicam forças variáveis do percutor segundo movimentos e trajetórias também variáveis, sempre controláveis pelo lascador. De tal forma que um gume bem confeccionado implica em precisão do gesto, variação da trajetória, constância da força aplicada etc. As variáveis **morfologia e extensão** são aquelas que expressam mais diretamente as consequências da habilidade gestual: no controle dos pontos de impacto e das superfícies retocadas (retoques paralelos) ou na trajetória e controle da força (retoques curtos).

Segundo os tipos de delineamento, encontramos uma ampla variedade de gumes no conjunto das peças com uma sequência de retoques (Figura 8). Predominam os gumes

não compostos: retilíneos (39%), convexos (14%), côncavos (10%) e as *coches*¹⁵ (8%), sendo minoritárias as combinações possíveis.

Queremos vislumbrar nessa predominância um indicio de rápido descarte, da vida efêmera dos instrumentos de ocasião mais simples. Eles podem preservar, na sua maioria, os gumes originais, não retransformados, destinados a um único momento de utilização. Nesses casos, uma única modalidade de ação sobre a matéria (tipo de percussão, direção do movimento, empunhadura) limitaria a vida útil da peça¹⁶. Analisaremos a seguir as características de extensão e morfologia desses retoques, considerando que sua variabilidade pode contribuir para a melhor caracterização e estratégias mencionadas.

Figura 8 — Peças com 1 sequência de Retoques: delineamento dos gumes.



¹⁵ Segundo Tixier *et alii* (1980: 81), *coche* defini-se como “Terme de délinéation d’un bord, indiquant une entaille nette, généralement concave, parfois en “V”, à petit rayon de courbure, obtenue suivant diverses techniques de retouche (...)”. Baseados nessas características (reentrância **nítida** e pequeno raio de curvatura) discordamos do equivalente luso proposto por Prous (1986-90, citado em Marois *et alii*, 1997: 43). As *coches* simples, duplas, triplas e combinadas somam, em nossa coleção, 18% do total.

¹⁶ Lembrando, mais uma vez, que os artefatos com gumes côncavos podem ser exceção à regra (cf. nota 10).

OS GESTOS DE RETOQUE

O que podem indicar as diferenças de dimensões e de morfologia dos retoques? Nesse sentido, algumas previsões podem ser avançadas, baseadas, todas elas, em princípios elementares das leis de fraturação das rochas duras e nas experiências de lascamento que realizamos com matéria-prima da região:

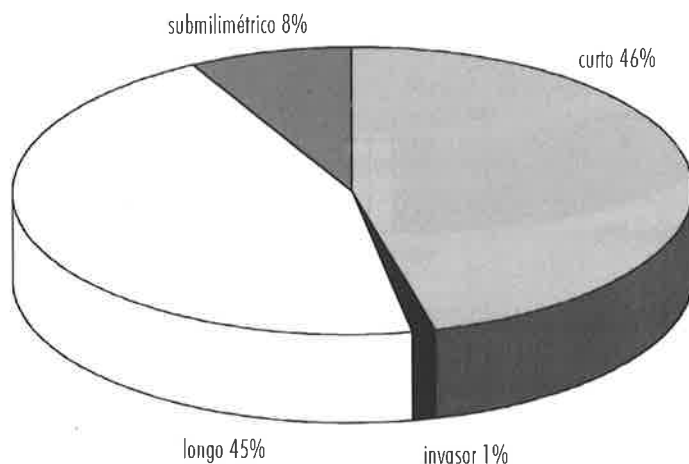
- retoques longos, paralelos ou subparalelos, associados a gumes semi-abruptos ou rasantes, correspondem **prioritariamente** ao primeiro momento de retoque de um gume;¹⁷
- gumes com retoques longos, paralelos ou subparalelos, podem ser reavivados por retoques mais curtos; nesses casos, parcelas dos mais antigos negativos poderão ser observadas nas peças. A morfologia final tenderá ao escamoso ou ao escalariforme (muito raramente);

- por serem suportes relativamente espessos, a obtenção de gumes aptos sobretudo para raspar torna-se mais fácil a partir de retoques diretos que de retoques indiretos (estes últimos implicam na redução do volume dos suportes, levando-os ao limite da possibilidade de uma cômoda apreensão direta).

Na Figura 9 apresentamos a extensão dos negativos dos instrumentos com 1 sequência de retoque. Para entender o equilíbrio entre negativos longos e curtos, observemos as **morfologias** associadas a cada uma dessas categorias (Figuras 10 e 11). Podemos destacar as seguintes observações:

- aos retoques longos, associam-se, **na grande maioria**, morfologias “originais”. Os gumes que podem ser resultantes de reavivagens (subparalelo/escamoso e paralelo/escamoso) pouco ultrapassam 5% do total;

Figura 9 – Peças com 1 sequência de Retoques: extensão dos negativos.



¹⁷ Ou seja: reavivar um gume curto e semi-abrupto (ou rasante) buscando-se obter retoques longos implica no fechamento acentuado do seu ângulo com a face inferior. Tais exemplos são desconhecidos na nossa coleção.

Figura 10 — Peças com 1 Sequência de Retoques Longos: morfologia.

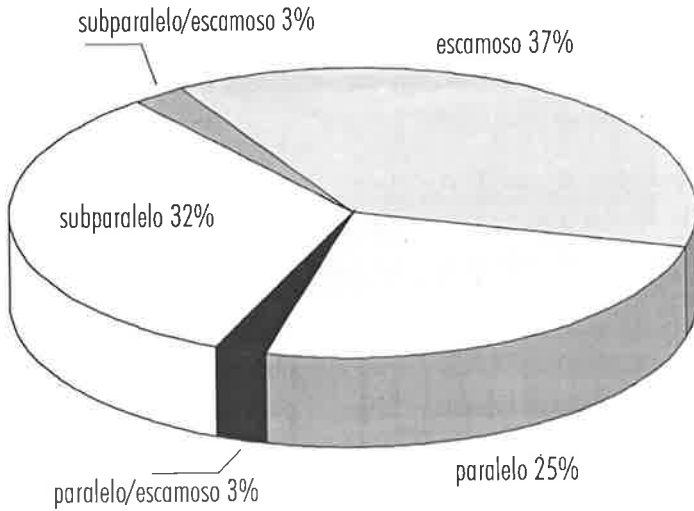
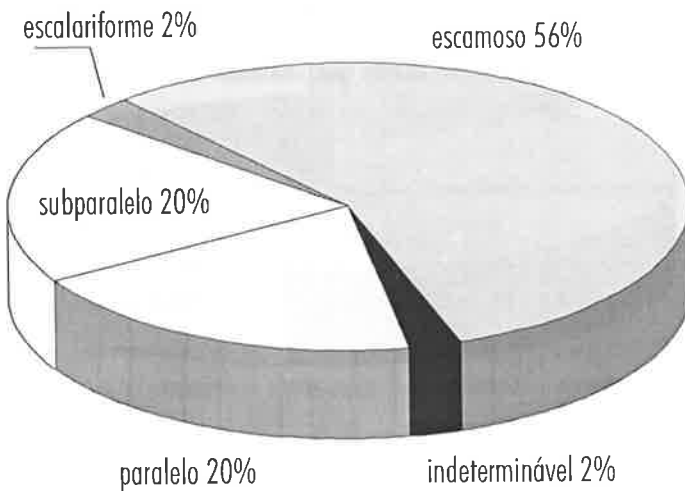


Figura 11 — Peças com 1 Sequência de Retoques Curtos: morfologia.



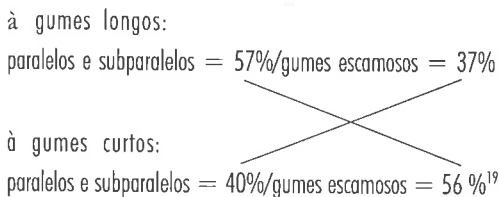
• se considerarmos paralelos e subparalelos como características decorrentes de gestos mais cuidadosos e precisos, tal intenção seria predominante na coleção;

• entretanto, os retoques escamosos – que nas indústrias do Boquete assumem um aspecto evidentemente tosco – não são pouco expressivos e predominam so-

bre os retoques mais bem cuidados (paralelos);¹⁸

- por sua vez, retoques curtos associam-se predominantemente a gumes escamosos, sendo que paralelos e subparalelos são um pouco menos significativos.

Quanto às suas morfologias, percebemos uma relação de **simetria inversa** entre gumes com retoques curtos e gumes com retoques longos:

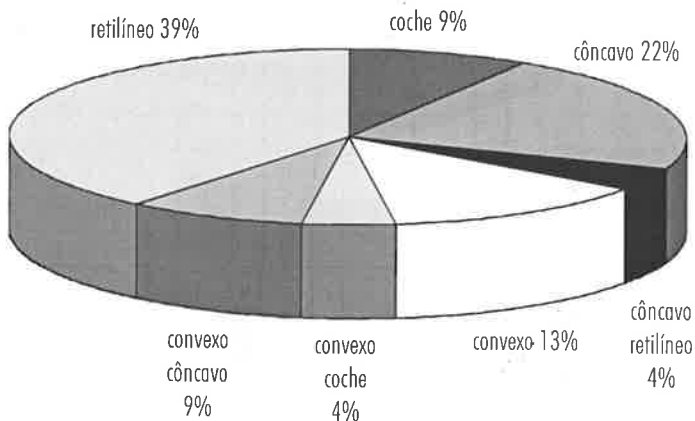


Acreditamos que o significado de tal simetria deve estar relacionado ou a uma preferência por certos tipos de delineamento, ou a um fenômeno independente da **função do artefato**.

As Figuras 12, 13, 14 e 15 apresentam as relações de extensão, morfologia e delineamento das peças. Dessas distribuições, retemos o seguinte:

- confirma-se a predominância dos gumes retilíneos²⁰, mas **tanto faz que esses sejam obtidos por retoques curtos ou longos, paralelos, subparalelos ou escamosos**;
- parece haver uma associação preferencial entre as coches (simples, duplas, triplas etc) e os gumes escamosos²¹, que **podem resultar**

Figura 12 – Peças com 1 Sequência de Retoques Longos, Paralelos e Subparalelos: delineamento.



¹⁸ Deve-se admitir também que podem haver retoques escamosos resultantes de reavivagem e que não pudemos, em alguns casos, identificar a morfologia original.

¹⁹ Note-se que as quantidades de peças com retoques longos e curtos estão equilibradas: 40 e 41 peças, respectivamente.

²⁰ O que se explica, tão simplesmente, pela lei dos grandes números.

²¹ Apenas uma peça da coleção pode ser caracterizada como *coche clactonense* (i.e. obtida por um único golpe).

Figura 13 – Peças com 1 Sequência de Retoques Longos e Escamosos: delineamento.

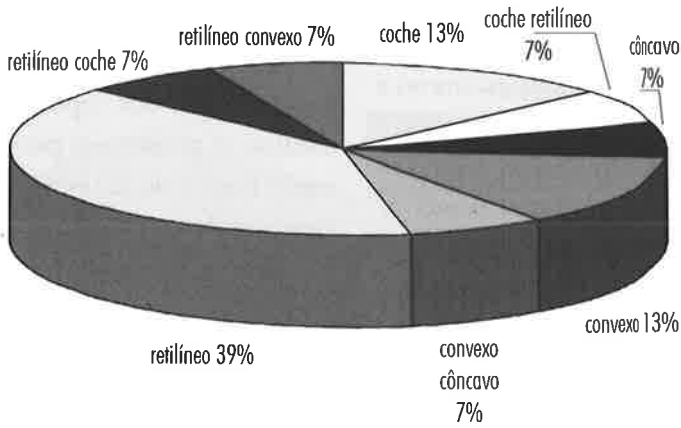


Figura 14 – Peças com 1 Sequência de Retoques Curtos, Paralelos e Subparalelos: delineamento.

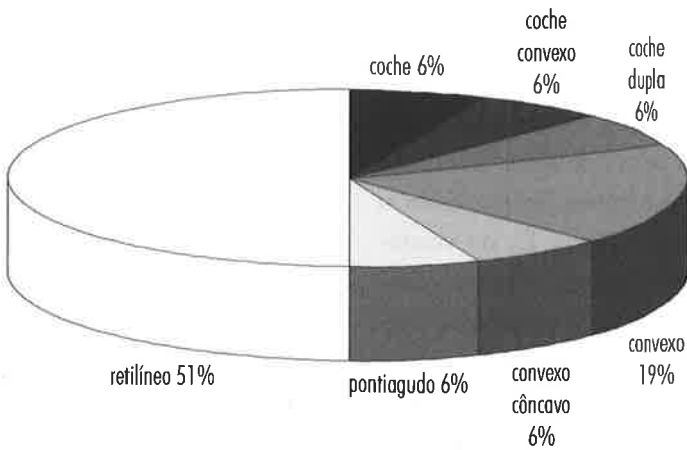
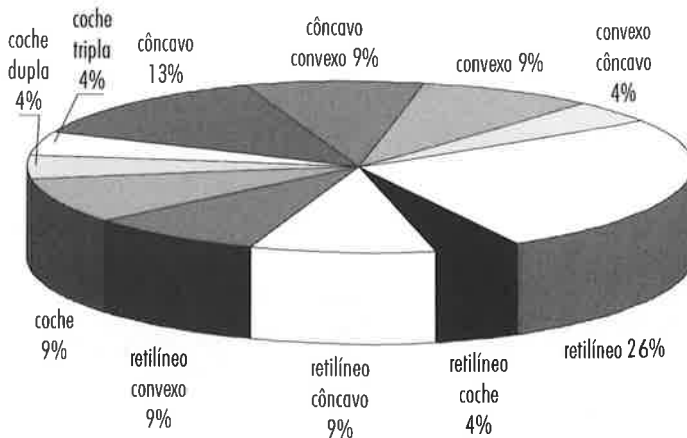


Figura 15 – Peças com 1 Sequência de Retoques Curtos e Escamosos: delineamento.



tanto de retoques longos (27 %) quanto curtos (21 %).

Se, por um lado, surge aqui uma tendência à associação entre retoque escamoso e coche, a justificativa para o equilíbrio entre longos e curtos permanece obscura. Procuraremos, finalmente, as relações existentes entre a origem tecnológica dos suportes, suas dimensões e as morfologias associadas.

DE VOLTA AOS SUPORTES UTILIZADOS

Observemos inicialmente como foram aproveitadas as lascas de debitage, descorticagem e de talha (Figuras 16, 17 e 18).

Enquanto a relação entre longos e curtos permanece semelhante nos dois primeiros grupos tecnológicos, a situação se inverte no grupo das lascas de talha. Predominam aí os retoques curtos, que somam o dobro dos retoques longos. **É, na verdade, esta associação que garante o equilíbrio longos-curtos observado anteriormente (Figura 9).** Mas a que se deve a associação “lascas de talha x retoques curtos”?

Após numerosos cruzamentos de variáveis, nada parece fugir às tendências gerais observadas. As relações predominantes são sempre as mesmas... As modalidades de transformação dos suportes não parecem justificar-se plenamente pelos possíveis objetivos funcionais que estariam na origem da variabilidade morfo-tecnológica das partes ativas dos instrumentos.

Se há, então, alguma indenpendência entre o gesto e a função almejada, como explicá-la?

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Em realidade, se consideramos os instrumentos de ocasião como respostas a contingências momentâneas – tarefas imprevistas cumpridas “informalmente” –, isso se deve sobretudo à variabilidade tecnológica dos suportes, ao seu caráter de “lixo” de lascamento aleatoriamente reaproveitado.

Os gestos implicados na confecção dos gumes parecem reafirmar as cadeias operatórias maquinais (Leroi-Gourhan, 1987) –

Figura 16 – Peças de Debitagem com 1 Sequência de Retoques: extensão.

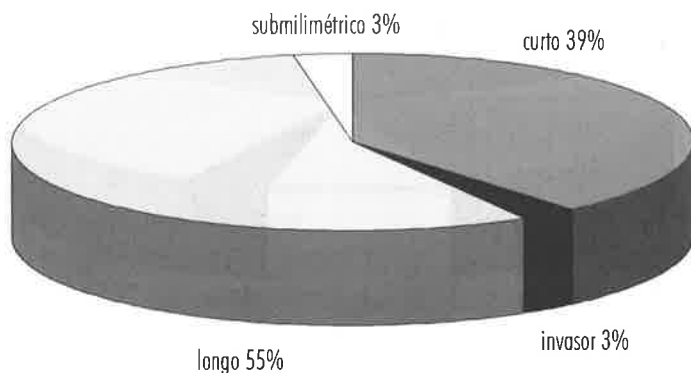


Figura 17 – Peças de Descorticação com 1 Sequência de Retoques: extensão.

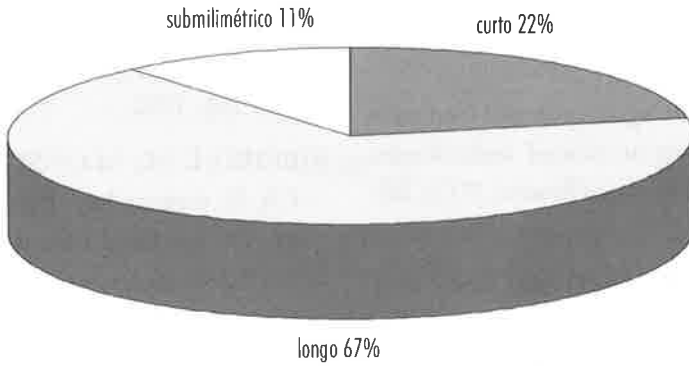
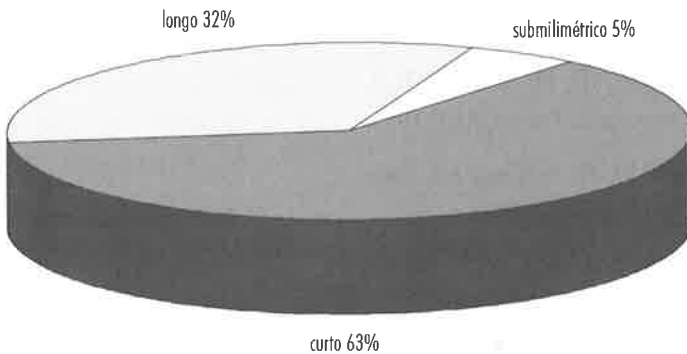


Figura 18 – Lascas de Talha com 1 Sequência de Retoques: extensão.



transmitidas oralmente dentro de um grupo cultural mas executadas inconscientemente – que podemos reconhecer nos **métodos de fabricação dos instrumentos típicos**. Dado o caráter improvisado dos instrumentos de ocasião, sua morfologia

geral pode variar livremente, mas a mão que transforma os suportes realiza gestos concretos, fixados tradicionalmente numa memória técnica única.

O imprevisto – a ocasião faz o artefato – emerge, assim, como manifestação da liber-

dade de criação técnica em resposta a necessidades da vida cotidiana, limitada, porém, por processos normativos fundamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINFORD, L. R. Organisation and formation process: looking at curated technologies. *Journal of Anthropological Research*, 35 (3): 255-273. 1979.
- , Willow smoke and dog's tails: Hunter-Gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity* 45(1): 4-20. 1980.
- FOGAÇA, E. L'Abri du Boquete (Brésil): les premières industries lithiques de l'Holocène. *Journal de la Société des Américanistes*, tome LXXVII. 111-122. 1991.
- , A Tradição Itaparica e as indústrias líticas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete (Minas Gerais – Brasil). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 5. São Paulo: USP. 145-158. 1995.
- INIZAN, M. L.; ROCHE, H. & TIXIER, J. *Technologie de la pierre taillée*. Paris: CREP. 1995.
- LEROI-GOURHAN, A. *O Gesto e a Palavra*. Lisboa: Edições 70. 1987.
- MAROIS, R.; SCATAMACCHIA, M. C. M.; MAHECHA, A. M. G.; JELKS, E. B. & ALMEIDA, J. E. *Dicionário multilíngue de termos relacionados com a indústria lítica*. S.l.: Instituto Panamericano de Geografia e História. 1997.
- PROUS, A. Fouilles de l'abri du Boquete, Minas Gerais, Brésil. *Journal de la Société des Américanistes*, tome LXXVII. 77-110. 1991.
- PROUS, A. & FOGAÇA, E. Archaeology of the pleistocene-holocene boundary in Brazil. *Quaternary International*, 53/54. 21-41. 1999.
- PROUS, A.; LIMA, M. A. & FOGAÇA, E. "A Indústria Lítica da Camada VIII da Lapa do Boquete (Minas Gerais – Brasil)". *Anais do 3º Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário*. Belo Horizonte: UFMG, CNPq e FAPEMIG. 342-362. 1992.
- RIBEIRO, L. M.; ALONSO, M. & FOGAÇA, E. (orientador). Produção e Utilização de Artefatos Líticos: uma reconstituição do espaço ocupado no início do Holoceno na Lapa do Boquete (Minas Gerais – Brasil). *Anais da VIIIª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Coleção Arqueologia 1, volume 2. Porto Alegre: PUCRS. 17-30. 1996.
- TIXIER, J.; INIZAN, M-L & ROCHE, H. *Préhistoire de la pierre taillée 1*. Paris: CNRS. 1980.